

MÁRCIO PETER DE SOUZA LEITE: VIDA, OBRA E AMIZADE

Oscar Cesarotto

Conheci Márcio em Buenos Aires, em 1975. Ele, psiquiatra brasileiro fazendo residência, com formação em psicodrama, cada vez mais interessado na psicanálise, já casado com uma colega argentina. Eu, psicólogo com formação analítica, discípulo de Oscar Masotta; na época, trabalhando na *Escuela Freudiana de Buenos Aires*, por ele fundada. O encontro aconteceu por ocasião de um curso sobre a leitura freudiana de Lacan; interesses comuns, tais como o rock local, consolidaram uma amizade de longa data.

Pela leitura das *Lettres de l'École Freudienne*, soube da existência de um primeiro grupo lacaniano no Brasil: o *Centro de Estudos Freudianos*, com sede em várias capitais, incluindo São Paulo, cidade para onde Márcio voltaria no ano seguinte, aderindo ao grupo liderado por Luis Carlos Nogueira. Trocamos cartas durante o período mais nefasto da história do meu país, me alentando para migrar e provar sorte nestas terras. Assim foi; no começo, ambos vinculados ao CEF; perante os limites daquela configuração, com outros dissidentes, tentamos uma Escola Freudiana em

São Paulo, de curta duração. Depois, com Geraldino Alves Ferreira Netto, consolidamos uma união estável de 27 anos, denominada *Clínica Freudiana*.

O nome, informalmente, aludia a casa onde funcionavam os nossos consultórios, que tinha sido do avô do Márcio, no Jardim Paulistano, mudando duas vezes de endereço, sempre no bairro, com o agregado de outros colegas. No início dos anos oitenta, organizamos, em conjunto, um curso sobre a obra de Freud. A harmonia, tanto profissional quanto pessoal, possibilitou que trabalhássemos em sintonia, como uma unidade autônoma, segundo a proposta da “política dos grãos de areia”, lançada pelo Lacan dos últimos dias, após dissolver sua Escola: que os analistas se juntassem livremente para desenvolver a teoria, independentes de qualquer marco institucional. Mesmo assim, participamos de várias tentativas de agrupações em torno do ensino lacaniano, com diversas sortes. Superando tentativas prévias, organizamos a *Associação Livre/Instituto Sigmund Freud*, entidade que, durante alguns anos, manteve o nosso estilo de transmissão. Em 1987 e 1988, convidados por Gentil de Oliveira, professor da Psicologia Clínica da PUC-SP, realizamos os primeiros cursos de extensão de psicanálise, cujo sucesso incentivou a criação do COGEAE. A morte do nosso mentor descontinuou aquela experiência de inserção do discurso psicanalítico no universitário, a ser retomada mais tarde.

Em paralelo à prática clínica e o ensino, também escrevíamos bastante. Naqueles tempos, a Editora Brasiliense era a maior distribuidora de cultura e informação de forma democrática. A coleção *Primeiros Passos*, em linguagem acessível, permitia os leitores de primeira viagem terem contato com textos de autores notórios sobre assuntos relevantes. Inconformados com a versão dada em *O que é Psicanálise*, Márcio e eu achamos que valeria uma réplica, sugerindo outra interpretação. Assim, a quatro mãos, escrevemos *O que é Psicanálise - 2da. visão*, na perspectiva do retorno a Freud e o ensino de Lacan. O livrinho teve cinco reedições, isto é, 25.000 exemplares vendidos, distribuídos pelo Brasil afora. Na sequência, lançamos *Jacques Lacan - Através do espelho*, pela coleção *Encanto Radical*: uma única edição esgotada, 5.000 exemplares.

Mais uma vez, o destino levou alguém muito prezado, Caio Graco Prado, interrompendo a coerência daquela empresa. Continuamos publicando, agora, em outras editoras e por separado. A parceria com Márcio foi sempre complementar e singular, coincidindo nas ideias de um e de outro, na escrita em comum ou nos projetos solo. Além de objetivos coincidentes, nunca precisamos disputar nada, por termos gostos específicos: parecidos, porém, distintos. Destarte, combinamos escrever livros simétricos, dedicados a expandir as referências conceituais: no meu caso, relendo Hoffmann, autor

citado por Freud, em *No olho do Outro* (Iluminuras - 1987); no dele, abordando Cazotte, mencionado por Lacan, em *O deus odioso e o diabo amoroso* (Escuta - 1991).

Outra decisão fundamental foi, nos anos noventa, dividir nossas linhas de ação, no intuito de disseminar o legado lacaniano. Samira Chalhub, professora da PUC, nos convocou, junto com outros, para fundar o CESPUC (*Centro de Estudos em Semiótica e Psicanálise da PUC-SP*), espaço onde foi possível expandir fronteiras teóricas, nas bordas onde a clínica & a cultura se atravessam mutuamente. Ali, foram realizadas palestras, cursos, publicações e jornadas; até hoje, continuo o meu percurso na universidade, dando seguimento à Semiótica Psicanalítica, a epísteme que é fruto dos nossos saberes.

Márcio, por sua vez, preferiu investir na formação propriamente dita, concentrando seus esforços na *Escola Brasileira de Psicanálise*, onde reafirmou sua orientação lacaniana; melhor dizendo, milleriana. (Parêntese astrológico: Ele, Jacques-Alan Miller, Geraldino e eu, todos do signo de Aquário! Mais, ainda: os três primeiros, nascidos no mesmo dia. Entretanto, os dois últimos acharam por bem se incluírem fora da instituição oficial...) Numa ocasião, por indicação de Miller, tomamos contato com uma eminente figura da USP, Newton da Costa, gestor da “lógica paraconsistente”,

aquela que, não contemplando contradições, seria capaz de dar conta do funcionamento do inconsciente. Fizemos uma entrevista com ele, mais tarde publicada no Brasil, na Argentina e na Espanha.

O saber exposto do Márcio suscitava transferências várias, não apenas dos lacanianos. Seu seminário para uma plateia de analistas de outra tribo, curiosos interlocutores, foi publicado em 1995, *A negação da falta - Cinco lições para analistas kleinianos* (Relume-Dumará - 1992). Em 2000, uma versão expandida foi lançada pela Iluminuras, com o título de *Psicanálise Lacaniana*; também reeditado em 2010. Nessa editora, realizamos uma junção dos livros da Brasiliense, mais um par de textos e uma lista das obras e seminários, num único volume: *Jacques Lacan - Uma biografia intelectual* (1993; reeditado em 2001 e 2010, com novos capítulos). Márcio também colaborou ativamente na produção de *Ideias de Lacan* (Iluminuras - 1995), obra coletiva de ampla difusão.

Márcio ensinava tudo o que sabia, de maneira clara, para os que tiveram a oportunidade de acompanhar seu raciocínio clínico e solidez teórica, que levaram para frente a verdadeira psicanálise, baseada na prática da escuta e na leitura exaustiva dos escritos. Participou de congressos, conferências, mesas redondas e debates, em instituições, hospitais & alhures, sempre com a mesma generosidade simbólica

de partilhar o conhecimento com todos os interessados. Teve muitos grupos de estudo, enquanto pode sustentar o discurso com a voz; porém, aos poucos & inexplicavelmente, sua saúde começou a apresentar sinais de declínio. Desde então, seguiram-se anos de penúria & perda do controle somático, o que não lhe impediu de manter a direção dos tratamentos, superando impossibilidades.

Alguma vez, no livro *Viagens extraordinárias pela Translacania*, Françoise Perrier advertira sobre os perigos deste ofício, que tanto coloca em risco a libido pessoal, ao relatar, de forma ficcional, os casos verídicos de analistas lacanianos caídos no cumprimento do dever, ao pé do divã. Antes, Lacan já dizia que os praticantes pagam com o mais íntimo do seu ser, o real do corpo, o suporte do seu espírito. No entanto, Márcio manteve, a pesar dos seus pesares, a integridade espiritual intacta, assim como a lucidez & a vontade de viver, sem ficar aquém das limitações. Nunca se queixou da sua sorte, encarada com a temperança de um samurai & a sabedoria de um gnóstico, aqueles que sabem que a carne é fraca, mas a vida não é pequena.

Nos primeiros anos do século XXI, Márcio, contando com a colaboração de uma equipe de discípulos, criou a *Conexão Lacaniana*, para dar vazão ao seu ensino. Em plena era digital, a transmissão teórica foi adequada aos padrões

dos cursos à distância, no diálogo propiciado pelos computadores, capazes de tornar a ausência uma presença virtual. Durante vários semestres, foram desenvolvidos seminários *on line*, acompanhando os avanços do seu modo de definir a psicanálise. Leitor incansável de toda a literatura lacaniana disponível, cada vez mais foi se adentrando nas filigranas do que se convencionou em chamar de “último Lacan” ou “segunda clínica”, enfim, o ponto derradeiro até onde o mestre tinha levado a coisa freudiana.

Em primeiro lugar, a sexualidade feminina revisitada, partindo de Freud para chegar nos matemas da sexualização que, levados a sério, acarretam numa reformulação conceitual precisa, destacando os gozos e suas patologias, ao mesmo tempo que isto implicaria também num outro manejo da transferência e da interpretação. Em sintonia com sua formação em psiquiatria, assim como o próprio Lacan, considerava que a psicose constituía o paradigma do psiquismo, destronando a histeria como pedra angular freudiana. Para isso, era necessário construir uma argumentação consistente, cristalizada, depois de anos de adiamento, no livro póstumo *Deus é A Mulher* (IMP - 2013), onde, coerente com seu progresso, foi fiel ao propósito de colocar no papel tudo o que sabia, redigindo uma espécie de *Psicanálise Lacaniana II*, para dar conta dos últimos seminários de Lacan, sempre

desde um ponto de vista original, fundamentado na significação do falo e seus devires, na forclusão generalizada, na clínica universal do delírio e na psicose ordinária.

Márcio foi extraordinário, único na espécie, analista **hors concours**. Sua trajetória, ímpar, lhe garante um lugar na história da psicanálise no Brasil, com sua produção como lastro. O *Instituto Márcio Peter*, fundado pelo seu desejo vivo, tem por função o cuidado do seu legado imperecedouro. Deus está presente no título de dois dos seus livros, não por acaso. O distinto colega deve estar hoje em boa companhia, com Gentil, Luis Carlos, Samira e Caio, todos os nossos amigos de vidas passadas e futuras.